



CULTURAS JUVENIS UNIVERSITÁRIAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: UM PERCURSO TÉORICO

Julia Crovador Carvalhaes ¹

RESUMO

O artigo tem o objetivo de apresentar o arcabouço teórico-metodológico que alicerça a pesquisa de Mestrado em Geografia sobre as culturas juvenis universitárias e a formação de futuros professores de Geografia nos três Campus da UNESP onde o curso é disponibilizado. Nesse sentido, o estudo das experiências universitárias, incluindo as culturas juvenis, não é importante apenas para compreender quem são os futuros profissionais da educação, mas também para articular e analisar como as dimensões espaciais e culturais impactam no modo como os fenômenos sociais se realizem. O texto discutirá o referencial teórico que orientou as pesquisas e abordagens sobre as juventudes nas Ciências Sociais e como elas podem ser atualizadas e discutidas por meio das práticas espaciais das juventudes universitárias, evidenciando o potencial da observação do cotidiano como um conteúdo altamente geográfico. Desse modo, o trabalho a seguir visa contribuir com os estudos culturais na Geografia, especialmente sobre a Geografia das Juventudes, um campo que está em construção no Brasil e que, por isso, ainda enfrenta desafios de elaborações teórico-metodológicas.

Palavras-chave: Culturas Juvenis Universitárias, Professores de Geografia, Unesp.

ABSTRACT

This paper aims to present the theoretical and methodological framework underpinning the Master's research in Geography focused on university youth cultures and the education of future Geography teachers across the three UNESP campuses where the program is offered. In this regard, the study of university experiences—including youth cultures—is significant not only for understanding the identities and trajectories of future education professionals but also for articulating and analyzing how spatial and cultural dimensions influence the manifestation of social phenomena the text discusses the theoretical perspectives that have guided research on youth within the Social Sciences and explores how these approaches may be revisited and reinterpreted. It emphasizes the potential of observing the everyday practices of young people as a profoundly geographical form of inquiry. In doing so, this work seeks to contribute to cultural studies within Geography, particularly to the emerging field of the Geography of Youth, which remains under development in Brazil and continues to face theoretical and methodological challenges.

Key Words: University Youth Cultures, Geography Teachers, Unesp.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar o percurso teórico metodológico que baseia o projeto de pesquisa de Mestrado em Geografia nomeado: “Culturas Juvenis e a Formação de Professores de Geografia: uma análise comparativa dos Campi da Unesp em Presi-

¹Mestranda do curso de Geografia da Universidade Estadual Paulista-UNESP. julia.c.carvalhaes@unesp.br



dente Prudente, Rio Claro e Ourinhos".² A proposta é evidenciar como as culturas universitárias contribuem para a espacialização das experiências urbanas dos/das estudantes de Geografia nas cidades em que estudam, considerando que as espacialidades juvenis funcionam tanto como meio e quanto condição para a produção de diferentes experiências de juventude. Assim, o tema visa contribuir para uma análise multidimensional da formação de docentes em Geografia, tendo como fundamento a indissociabilidade entre sociedade e a produção do espaço, já que o espaço não existe de forma reificada, mas é produzido e reproduzido pela ação (trabalho) dos sujeitos sociais (Cassab, 2020).

Quando nos referimos a ideia do que é ser jovem existem muitas representações e significados que se situam a partir de diferentes referenciais históricos e espaciais. Por conseguinte, devemos analisar tais experiências no tempo e espaço em que elas ocorrem, para rompermos com explicações dualistas, simplistas e homogêneas que considerem os/as jovens somente pelo critério da idade. Por isso, se vivenciar a juventude não é algo dado *a priori*, mas sim resultado de condições socioeconômicas, familiares e espaço-temporais diversas, ser professor/a de Geografia também não é um dom natural. Logo, relacionar os temas e pesquisas sobre as juventudes universitárias e a formação de professores é trazer um olhar inovador para uma questão que já é complexa e multifatorial e que pode se beneficiar muito se analisarmos os dilemas educacionais e juvenis para além de questões pedagógicas e acadêmicas, valorizando a dimensão dos encontros, das identidades e conexões que já existem nas práticas socioespaciais rotineiras.

De acordo com Dayrell (1996) ser professor/a está muito mais relacionado a um processo de tornar-se educador em um eterno movimento de identificações e construções sociais, o qual segundo Pires (2013) não envolve apenas a formação acadêmica, mas também as complexidades e diferenças de cada Campi, o contexto urbano vivido, os campos de possibilidades entre a estrutura material e objetiva da sociedade e os suportes que cada sujeito tem para negociar e construir sua existência no mundo. Devido a isso, investigar as diferentes culturas universitárias em cada Campi mostra-se uma possibilidade de compreender como essas teias de relações materiais e subjetivas se articulam na realidade, entendendo que o espaço urbano, no seu movimento de produção-reprodução, é um elo importante dessa amalgama. Portanto, propõe-se com este trabalho avançar nas possibilidades de pesquisa e investigação no Campo das Geografia das Juventudes, ainda em construção no Bra-

²Projeto de Mestrado Acadêmico com Financiamento CAPES



sil, reforçando a dimensão cultural e espacial dos fenômenos socioeconômicos na produção material da vida (Hall, 1997). Em virtude disso, o objetivo da pesquisa é compreender e comparar como acontece o encontro entre as culturas juvenis universitárias dos estudantes de Geografia e a cultura acadêmica em cada Campi da Unesp, a partir do espaço urbano de cada cidade, considerando-o uma dimensão relevante para entender o processo de formação dos/as docentes. Nas próximas seções destacaremos as bases metodológicas e como resultados e discussões apresentaremos os princípios teóricos que sustentam a pesquisa, destacando a dimensão espacial da juventude, de forma a construir uma reflexão sobre as possibilidades de estudo que articulam, na Geografia, as juventudes, o espaço urbano e reafirmam a proposição dos jovens como sujeitos socioculturais que atuam na produção e reprodução do espaço.

METODOLOGIA

Neste primeiro momento, é preciso explicar que os procedimentos metodológicos utilizados para elaboração deste artigo concentram-se em uma revisão bibliográfica produzida a partir de leituras, estudos e informações sobre o tema de pesquisa, mas que não obedecem a critérios rigorosos e explícitos. A pesquisa ainda está em fase de apreciação pelo comitê de Ética da Unesp e, por isso, não foi possível realizar os trabalhos de campo e outras estratégias qualitativas para acessar o público-alvo do projeto. Em vista disso, optou-se por selecionar obras, artigos, capítulos de livros, monografias, dissertações, teses que conversassem com a temática e que se concentrassem nos tópicos sobre Universidade, Formação de Professores, Culturas Juvenis e Jovens no Ensino Superior.

A metodologia utilizada será qualitativa e quantitativa, embora a primeira tenha maior destaque no processo de produção dos dados, visto que por se tratar de uma pesquisa com a juventude universitária, alguns procedimentos são imprescindíveis. A postura metodológica adotada é que não existe pesquisador/a neutro e que os resultados do estudo dizem muito dos limites e possibilidades encontrados durante a interação entre pesquisadores e sujeitos, ou seja, são produzidos ao longo do processo de pesquisa (Turra Neto, 2012). Assim, a partir de leituras e referências bibliográficas sobre culturas universitárias, juventudes e espaço urbano, o primeiro passo será a busca por dados a respeito das três cidades em bases do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados de São Paulo (Fundação Seade)), bem como as respectivas Seções de Graduação dos Campi.



As estratégias qualitativas ocorrerão concomitantemente com foco em três ferramentas: aplicação de questionários para identificação do perfil estudantil, entrevistas semi-estruturadas e grupos focais, especialmente com estudantes que migraram de cidade para estudar. Todas essas ferramentas são mediadas pela observação de campo, uma vez que segundo Pais (2003), é este processo que nos permite entender como os jovens negociam as normas sociais, produzem e compartilham novos padrões de significados e constroem, conjuntamente, a tarefa de sustentarem-se no mundo diante do campo de possibilidades que lhes é ofertado.

REFERENCIAL TEÓRICO

Alguns princípios e conceitos alicerçam este estudo e solidificam o campo dos estudos culturais e juvenis na Geografia. Trabalhamos com quatro princípios geográficos para geografar este fenômeno: extensão ou localização, comparação, conexão e causalidade. A proposta é compreender as semelhanças e diferenças que marcam a formação de professores/as em Geografia em contextos que carregam suas particularidades, ainda que inseridas em processos gerais maiores como abordaremos a seguir. Ou seja, o principal pressuposto teórico deste projeto é de que as experiências juvenis não existem deslocadas dos demais aspectos da produção social da vida e do espaço urbano. Pelo contrário, os/as jovens vivenciam suas experiências de acordo com o local em que vivem, com a sua classe social, com a cor, gênero, sexualidades e os campos de possibilidades que existem dentro das macroestruturas sociais do capitalismo.

Todavia, não existe um consenso sobre o que é juventude, pois este conceito é polissêmico e datado historicamente, uma vez que a “criação” do que é ser jovem surge apenas a partir da sociedade ocidental moderna burguesa. Assim, o que temos são diferentes interpretações e leituras sobre a juventude conforme diferentes objetivos sociais, políticos, econômicos e, portanto, Peralva (1997) e Dayrell (2003) asseguram que o melhor é falar em condições juvenis. Dentro desta perspectiva, alguns autores e autoras ganham destaque e servem de alicerce teórico e metodológico para os estudos juvenis: Abramo (1994, 1997), Carrano (2011), Cavalcanti (2013), Dayrell (1993, 2003, 2007), Pais (2003), Peralva (1997), Silva (2021, 2023), Silva e Turra Neto (2025) e Turra Neto (2012, 2015). Todas as produções trabalham com a temática da conceituação da juventude e a maneira como ela foi encarada socialmente, especialmente no Brasil, além de destacar o potencial da sociabilidade cotidiana como uma lente para compreender as práticas juvenis e, consequentemente, analisar dinâmicas sociais, econômicas e culturais maiores.



Em vista disso, a proposta destes/as intelectuais não é o estudo das juventudes com um fim em si mesma, porém sim como uma lente de análise para entender outras dinâmicas socioespaciais que estruturam a sociedade, bem como os rumos e caminhos que elas podem tomar a partir das experiências e identidades construídas e experenciadas coletivamente. Outros conceitos centrais são cultura, cultura juvenil e espaço. Entendemos a cultura é não é apenas um adjetivo referente aos processos sociais, mas sim um elemento central que organiza e estrutura como esses processos acontecem. Segundo Hall (1997), existe uma dimensão simbólica, discursiva, fruto das nossas identidades, que interfere diretamente na forma como esses fenômenos ocorrem. No que tange ao terceiro conceito podemos compreender que a cultura juvenil é a cultura vivenciada por jovens e para jovens, sem fins pré-estabelecidos, possuem tempos e espaços definidos e que, em geral, não associam- se às preocupações e imposições do mundo adulto (Pais, 1993). Portanto, as culturas juvenis universitárias constituem-se também dentro e fora dos espaços formais de educação e trabalho, como é característico do ambiente acadêmico.

Por fim, estes conceitos alinharam-se à compreensão de espaço como uma construção social nos possibilita pensar na sua multiplicidade e heterogeneidade defendida por Massey (2008). Para a autora, o espaço nunca está acabado, está sempre em construção, em um eterno fazer-se, entrelaçado pelas relações sociais materiais e imateriais que não são fixas ou determinadas a priori, mas que devem ser captadas no ato mesmo em que se dão. Sendo assim, considerarmos as culturas juvenis universitárias como fenômenos que estão em constante mudança, que não são estáticas e que processam- se de acordo com tempos e lugares em que elas ocorrem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como a pesquisa está em fase inicial e não possui ainda resultados empíricos, discutiremos a síntese do percurso teórico que orienta nossa reflexão. O objetivo é evidenciar as potencialidades que existem ao incorporar os estudos sobre culturas universitárias juvenis e as Juventudes na Geografia Brasileira, sempre articulando-as com outras dinâmicas estruturantes do espaço geográfico. Em geral, os estudos culturais com Juventudes são executados no campo das Ciências Sociais e da Antropologia, sendo na Geografia uma possibilidade relativamente nova de investigação. Todavia não é a pretensão deste texto advogar para que os estudos juvenis estejam presentes em todos os subcampos da ciência geográfica, mas sim apresentar e debater possibilidades de articulações teóricas e



metodológicas deles dentro da Geografia, contribuindo para ampliação de temas não hegemônicos e outros olhares geográficos sobre as dinâmicas sociais. Assim, partimos de um breve histórico sobre o campo para situar você leitor/a e, posteriormente, avançarmos nos pressupostos utilizados.

A princípio, é importante ressaltar que, historicamente, os estudos culturais com Juventudes não foram desenvolvidos pela Geografia, mas sim pelas Ciências Sociais, Antropologia e Psicologia. A preocupação com este tema surgiu alinhada às mudanças históricas e sociais a partir dos séculos XVIII e XIX após contextos de revoluções industriais e burguesas na Europa. Isso significa que a categoria “jovem” nem sempre existiu no mundo ocidental, uma vez que a forma como as sociedades lidam com os fenômenos e mudanças etárias não é algo inato e dado previamente. Segundo Abramo (1994), a juventude surge como um fenômeno social demarcando uma etapa entre a fase infantil e adulta nas sociedades modernas burguesas por meio da criação de instituições específicas que segmentam faixas etárias e modificam o papel da família em relação à tutela e formação de seus filhos e filhas. Com o advento da revolução industrial e as mudanças no mercado de trabalho, exigiu-se uma maior especialização nas tarefas laborais e, por consequência, uma maior divisão do trabalho. Portanto, para que esse aprimoramento pudesse acontecer era necessário um período entre a infância e a idade adulta que preparasse os sujeitos para entrarem no mundo do trabalho, caracterizando-se como um período de moratória social.

Neste contexto, a escola emerge como este ambiente que separa idades e destina funções específicas conforme mudanças no ciclo da vida. Abramo (1994) reitera que à escola é atribuída não apenas a função de preparar social e coletivamente os sujeitos, mas sobretudo profissionalmente em direção ao mercado de trabalho futuro. Desse modo, o conceito de juventude nasce associado à representação de transição, de passagem, de apenas algo momentâneo, uma vez que o foco principal está em atingir a maturidade social e biológica do ser adulto.

Para Carrano e Dayrell (2014) essa compreensão apreende os jovens pelo o que não são, como se estivessem em constante suspensão do momento presente, pois o que importa é a direção futura, o caminho que devem percorrer para tornarem-se adultos funcionais e correspondentes às demandas sociais do mundo em que vivem. Tal entendimento advém de diversas interpretações midiáticas e científicas que tiveram início com a Escola Urbana de Chicago, a qual ficou conhecida pela sociologia urbana funcionalista no século XX. Ou seja, após um primeiro momento em que a instituição escolar já estava mais consolidada (ainda que



não fosse amplamente acessível à população), a juventude novamente aparece na cena e no debate público-científico pelo seu viés negativo e problemático, geralmente relacionado aos desvios no processo transacional para vida adulta.

Essa corrente sociológica abordou as práticas juvenis relacionando-as automaticamente aos problemas de violência, uso inadequado do espaço público, gangues e ajuntamentos juvenis que promoviam “desordem” e bagunça nas ruas, entre outros. Por consequência, as imagens construídas e divulgadas pela mídia e pela sociedade atribuem à juventude problemas que não são essencialmente juvenis. Sendo assim, por trás desse entendimento comprehende-se que existe um comportamento ideal a ser seguido e confere aos sujeitos, às instituições de ensino e à sociedade em geral funções específicas relacionadas ao controle dos corpos e dos comportamentos sociais. Portanto, quando os/as jovens não correspondem a esse ideal de performance, logo são considerados como incompletos/as, como um “desvio” à norma, como um problema, como alguém que existe e age, porém não da maneira que deveria ser.

Cassab (2020) argumenta que essa visão hierárquica se assenta no adultocentrismo, isto é, em uma sobreposição dos valores do mundo adulto sobre os da criança e dos jovens, uma vez que estes últimos são tidos como incompletos e não preparados para disfrutar do espaço público. É dessa forma que se justificou e justifica-se até os dias de hoje o controle e a vigilância sobre corpos jovens, especialmente os de classes econômicas mais vulneráveis. Não raramente o debate sobre comportamentos juvenis está presente em diversas áreas científicas, desde as Humanidades até as Ciências da Saúde, evidenciando que este tema está em constante construção e disputa.

Contudo, como a Geografia entra nesse debate? Primeiramente, é preciso ter em mente que o contexto abordado acima nos revela duas dimensões importantes para entender e estudar a juventude: o tempo e o espaço. Ou seja, esta construção histórica da juventude, delimitando-a como uma fase de vida diferente das demais e que possui demandas específicas, é datada temporal e espacialmente. Nós falamos de uma conjuntura ocidentalizada de países do Norte Global e pós-revolução industriais europeias, momento em que o sistema capitalista estava se consolidando e passando por transformações profundas. Dessa forma, o passo elementar, mas nem sempre óbvio, é considerar a juventude como uma categoria social construída ao longo do tempo e do espaço.

Por isso, e com base em Carrano e Dayrell (2014), aqui se comprehende a juventude como uma construção histórica, cultural e social que muda conforme o tempo e as características de cada sociedade. Isto significa que assume diferentes conotações para cada contexto, bem como



suas possíveis representações sociais e científicas presentes nos estudos. Ou seja, ainda que a questão etária seja um fator presente nessa delimitação, ele é insuficiente para aprendermos de fato as diferentes formas e experiências que marcam tantos sujeitos em inúmeros cenários sociais, visto que os significados que cada sociedade atribui às idades derivam de relações sociais e econômicas (Wyn, Dan Woodman, 2006).

Nesse sentido, Cooper, Swartz e Mahali (2019) argumentam da necessidade de repensarmos as lógicas que baseiam os estudos juvenis quando estudamos os contextos do Sul Global, pois embora existam semelhanças com o Norte, é claro, é também inegável que os países que foram colonizados possuem processos de desigualdades sociais muito distintas do que se apresentam nos países que foram colonizadores. A proposta não é negar contribuições teórico- metodológicas já existentes, mas sim avançar na compreensão de que não basta transformos concepções e teorias de outros contextos para estudar e analisar os fenômenos sociais que permeiam a construção de uma juventude historicamente precarizada, como ocorreu e ocorre nos territórios da África, Ásia e América Latina.

Tendo isso posto, fica evidente como a temática juvenil pode e deve ser incorporada pela Geografia, uma vez que nos baseamos em um princípio elementar de que onde os fenômenos ocorrem impacta na forma em que eles se sucedem e se situam no tempo e no espaço. No entanto, a ideia não é apreender a juventude como um fim em si mesma, mas como um lócus de análise que pode nos revelar elementos e dinâmicas maiores sobre como os sujeitos sociais interagem e produzem o espaço ao mesmo tempo em que suas experiências são influenciadas pelo espaço e pelas condições materiais e simbólicas que lhes permitem viver diferentes experiências.

Em virtude disso, se a juventude é uma categoria construída socialmente que não deve ser apreendida de maneira única, o melhor é falar em condição juvenil. De acordo com Peralva (1997) e Dayrell (2003), essa denominação é mais adequada e implica em compreender que existem inúmeras formas de experienciar o que é ser jovem a partir de diferentes referenciais históricos e espaciais e segundo as expressões de gênero, raça, classe, sexualidade de cada sujeito. Por isso, estudar as juventudes enquanto construções sócio-históricas e geográficas torna-se essencial para analisar movimentos e dinâmicas maiores em relação à produção do espaço urbano e às transformações sociais pelas quais passa a educação brasileira orientada muitas vezes por políticas educacionais que conduzem ao seu esvaziamento crítico e ao desprestígio da profissão docente (Silva, 2020).



Desse modo, é a partir das relações que os/as jovens, e no caso da pesquisa jovens em contextos universitários, estabelecem com o espaço urbano e com o ambiente acadêmico que nos interessa. É no o que acontece no cotidiano, no que aparentemente não nos salta aos olhos pois parece banal, mas que é carregado de sentido e significado, que baseamos essa proposta de estudo. Dayrell em 1996 já chamava a atenção para aprendermos a escola e as práticas cotidianas escolares como espaços e fenômenos socioculturais relevantes para entendermos as relações entre docentes e discentes, entre escola e espaço público e entre a aprendizagem formal e informal. Assim, partindo deste mote, consideramos que a Universidade também pode e deve ser enxergada como o local de práticas cotidianas não institucionalizadas que constroem a identidade juvenil dos estudantes e contribui, direta e indiretamente, para formação de sujeitos sociais em seu sentido mais amplo, isto é, não apenas portadores de um profissão, mas sujeitos que carregam consigo histórias, desejos, atitudes, experiências, crenças, visões de mundo que também são frutos de suas vivências passadas e atuais.

A proposta em estudar este tema está alicerçada na indissociabilidade da relação sociedade-espac, uma vez que o espaço não é existe a priori, mas é fruto dos processos sociais e do modo como os sujeitos se relacionam entre si e com o espaço que lhes é ofertado, em um sistema de dupla determinação (Cassab,2020). O espaço, portanto, não pode ser compreendido como um mero palco para a atuação social, pelo contrário, ele é tanto um elemento que constitui os fenômenos sociais, quanto é influenciado por estes. Logo, para Massey (2008) não existe espaço sem heterogeneidade e multiplicidade que esteja desvinculado dos sujeitos sociais.

Tais proposições possibilitam apreender os jovens enquanto sujeitos socioculturais que atuam direta ou indiretamente na produção da sociedade e, consequentemente, do espaço, ao mesmo tempo em que também são influenciados pelas estruturas sociais maiores que orientam a produção material da vida. São os processos de juvenilização e socialização descritos por Pais (2003), o qual destaca as possibilidades de estudo que surgem ao enxergarmos as diferentes condições juvenis como reflexos de desigualdades estruturais maiores. Logo, as disparidades sociais as quais nos referimos não passam ilesas à produção do espaço urbano, visto que este não é apenas palco, mas reflexo e condição para que as práticas socioespaciais se materializem. Em razão disso, Corrêa (1989) argumenta que o espaço urbano possui quatro dimensões principais: articulação, fragmentação, desigualdade e mutabilidade, sendo que as duas últimas derivam das primeiras. Como produto do sistema capitalista, o espaço urbano apresentará os reflexos e contradições inerentes ao processo de produção material da vida ao mesmo tempo em que condiciona as conexões espaciais e sociais necessárias para os fluxos de bens, serviços,



pessoas, mercadorias imprescindíveis para o desenvolvimento do próprio sistema. Desse modo, a cidade se organiza e se estrutura a partir desses paradigmas, porém não de uma forma exata e rígida, visto que sempre há espaço e caminhos para agências dos sujeitos e modificações.

Baseamos esse entendimento também a partir do pensamento espacial de Massey (2008), no qual a autora afirma que o espaço nunca está acabado e fechado em si mesmo, isto é, sempre está aberto às possibilidades e à construção e produção coletiva de outros imaginários possíveis que estão diretamente ligados à multiplicidade e heterogeneidade resultantes das relações sociais dos sujeitos entre si e com o próprio espaço. Ou seja, concebemos que tanto o espaço urbano, a Universidade e os/as sujeitos juvenis nunca estão prontos e finalizados, pois ainda que o peso das macroestruturas socioeconômicas, patriarcais e raciais recaiam sobre suas ações e produções, nada está dado como definitivo, não existe um caminho final para qual todos/as sujeitos/as e espaços estejam pré-determinados a ser e a atingir. Essa interpretação é extremamente necessária para estimularmos novas formas de imaginação geográfica, compreendendo que as práticas e conexões cotidianas tem um componente altamente geográfico, pois afinal elas acontecem em um tempo e espaço definidos. Nenhum fenômeno ocorre de maneira isolada no espaço, pois os processos se interligam em distintas escalas geográficas. Por exemplo, no caso da pesquisa, nos interessa investigar como ocorrem as trajetórias dos jovens até os diferentes cursos de Geografia da Unesp? Quem são estes/estas estudantes? De onde vieram? Quais as espacialidades urbanas passam a vivenciar após a chegada na Universidade? De que maneira as particularidades de cada cidade influenciam nas possibilidades desses estudantes viverem suas juventudes?

Estes questionamentos sustentam-se na compreensão de Lana Cavalcanti (2013), para quem os jovens são produtores e reprodutores do espaço urbano. Segundo a autora, nas suas espacialidades cotidianas, os jovens criam demandas, participam de fluxos, constroem territórios, dão vida aos lugares, transformando-os tanto a nível material como simbólico. Nesse sentido, é preciso pensar a Universidade e as juventudes de forma não isolada e circunscrita, pois as culturas universitárias extrapolam a Universidade e ganham a cidade, construindo e compondo novos contornos socioespaciais (Silva, 2021). Tais contornos estão interligados com os campos de possibilidades que existem para as juventudes realizarem suas experiências dentro e fora do ambiente acadêmico. Conforme Villas e Nonato (2014, p. 19)

O campo de possibilidades contradiz a ideia de que a conquista dos projetos de futuro depende somente do esforço pessoal ou da vontade própria do indivíduo, pois nos faz



perceber em que “limites” sociais, culturais e políticos os jovens se movem na construção do seu presente e futuro.

Desse modo, durante o seu percurso de vida, os/as jovens vão se (re) construindo e se reconhecendo conforme os limites impostos pelos tempos e espaços nos quais se inserem, influenciados também pelo seu círculo social, pela família, pelo local de estudo, pela cidade em que residem e pela forma em que podem ou não desfrutarem dessa cidade nas suas mobilidades e espacialidades cotidianas. Assim, não apenas a história e as atitudes individuais são responsáveis pelo processo de adultecer dos/das jovens e da construção de suas identidades profissionais, pois a Universidade em que adentram e a cidade em que estudam também possuem um percurso histórico que não se esgota no presente e que contém os tempos e camadas dos movimentos anteriores. À essa conjuntura, Fiori (2013) argumenta de que existem rugosidades, diferenças, especificidades nos e dos lugares em que os cursos acontecem que tornam algumas de suas características particulares e peculiares dentro daquele contexto. Nesse sentido, precisamos ter em mente que tratamos de três cidades do interior paulista com características semelhantes, mas que resguardam suas particularidades, inclusive com relação aos contextos universitários.

Com relação aos processos mais gerais e no contexto latino-americano, as cidades contemporâneas têm sido produzidas e orientadas por uma lógica racionalista e neoliberal que conduz as práticas socioespaciais sob a ótica da competição, da individualidade, da separação e do acirramento dos vínculos sociais. Sposito (2024) afirma que as lógicas pretéritas que orientam a produção das cidades e das periferias na América Latina não desapareceram, mas são agora sobrepostas por novos tecidos e camadas mais complexas, frutos do processo de fragmentação socioespacial contemporâneo. Desse modo, é preciso olhar a cidade com atenção às novas dinâmicas de produção que complexificam, alteram e transformam não somente suas morfologias, mas sobretudo os conteúdos e elementos das práticas socioespaciais dos/as sujeitos/as.

Assim, não significa que a lógica centro-periferia desapareceu das cidades ou que esta explicação deva ser superada por completo, mas é necessário atentarmos para a heterogeneidades dos sujeitos, formas e processos que estruturam as cidades e, consequentemente, as periferias (Sposito, 2024, Gonçalves, Rizek, 2025; Torres, Marques, 2001). Não nos cabe aprofundar neste tema, mas não podemos deixar de considerar que a racionalidade neoliberal atingiu e atinge todos os níveis e processos da produção e reprodução das nossas vidas e as juventudes não estão apartadas desse contexto.



Desde a reforma do Novo Ensino Médio, a reforma trabalhista e as mudanças no mercado de trabalho, as condições juvenis têm sido altamente atacadas, precarizadas e subvalorizadas no cenário atual. O que vemos na verdade é um paradoxo que permeia as representações sociais e midiáticas sobre os/as jovens: se por um lado a juventude ganhou destaque no sistema capitalista por ser vista como um recurso novo, pela sua jovialidade, pela força de trabalho, por outro suas experiências são negligenciadas e as condições básicas para vivenciarem esse percurso têm sido desestruturadas. Leão e Carmo (2014) destacam que a juventude tem um lugar especial do ponto de vista dos ícones culturais, estéticos e midiáticos, portanto, existe um reconhecimento do corpo, dos comportamentos, da estética juvenil, cultuando-a como uma fase cheia de energia e vitalidade na busca pelo novo, pelo diferente.

No entanto, ao mesmo tempo em que há essa ideia, as juventudes são consideradas pelo o que não são, pelos seus não-saberes, por não terem alcançado ainda o que seria a fase de maior prestígio individual e coletivo: a fase adulta. Além disso, há mais uma contradição neste processo, pois as bases educacionais, civilizatórias e socioeconômicas que serviriam para dar suporte à transição juvenil têm sido desmontadas. Com a reforma do Novo Ensino Médio instaurou-se uma lógica de competências e habilidades que apenas reforça a formação de uma mão de obra precarizada e que dificilmente acessará o Ensino Superior.

Nessa mentalidade, é mais relevante a capacidade dos/as sujeitos/as de se adaptarem às mudanças e às demandas do mundo externo, do que de fato desenvolveram um processo de construção e maturação do conhecimento que leve em consideração os tempos e ritmos individuais, associados às conjunturas socioeconômicas e culturais em que se inserem. Por consequência, Severo (2015), baseada em Bauman (2010), afirma que está é a lógica do esquecimento e do utilitarismo, já que o que prevalece é a capacidade de abandonar o presente com rapidez e adaptar-se às demandas externas, independente de outros fatores.

Assim, é com esse caldo cultural que enaltece o presente com urgência e postula o conhecimento como algo descartável que se dará o encontro desses jovens com a Universidade, em especial com a Unesp. No entanto, adentrar ao ambiente acadêmico não significa vivê-lo e desfrutá-lo em sua plenitude, nem mesmo significa que os/as jovens irão engajar e participar de uma cultura que não é só juvenil, mas juvenil e universitária. Silva e Turra Neto (2025) trazem esta distinção tomando como base a afirmação de Pais (1993) de que as culturas juvenis estão inseridas no seio da sociabilidade dos/as jovens e se caracterizam pela reunião espontânea e despretensiosa desses/as sujeitos/as. Para Pais (1993, p. 135)



De facto, os tempos livres, podem considerar-se como uma das mais importantes dimensões da vida quotidiana dos jovens no que respeita à definição e compreensão das culturas juvenis, quer o usufruto desses tempos seja considerado como meio de ajustamento ao meio social envolvente, quer como factor de integração geracional. E isto porque a noção de tempos livres não deixa de estar fortemente marcada por um aspecto residual que lhe está subjacente (tempos de não trabalho), aspecto que, de certa maneira, circunscreve uma zona de relativa autonomia dos jovens onde são assumidos valores que podem demarcar as chamadas culturas juvenis.

Nesse sentido, o foco da análise está nas práticas cotidianas, nos saberes e conhecimentos gerados no interior dessas vivências e em como essas culturas impactam nos processos de formação e construção dos/as jovens. Por meio dessas experiências, as juventudes constroem seus processos de autonomia e diferenciação em relação aos seus pares e em relação à outros grupos sociais, em um processo constante de identificações. Nomeamos essas dinâmicas como identificações ininterruptas que acontecem entre um jogo interno e externo de interações sociais que interferem nas trajetórias e percursos de vida de cada sujeito/a. (Hall, 1999). De forma semelhante, Pais (2003) denominada essas relações como processos de socialização e juvenilização, pois ao mesmo tempo em que as juventudes sofrem os impactos das ações sociais e das estruturas nas quais suas vidas estão inseridas, elas também se relacionam com o corpo social de forma a modificá-lo material, simbólica e espacialmente. Sendo assim, as culturas juvenis universitárias vão além das culturas juvenis do tempo livre, pois têm um componente central e que demanda novas ações, práticas e preocupações relacionadas ao ambiente profissional e acadêmico.

Em vista disso, Silva e Turra Neto (2025) dissertam que a cultura juvenil universitária não deve ser lida apenas pelos elementos da sociabilidade, do tempo livre, do estilo e dos símbolos praticados pelos/as estudantes, pois é uma cultura que gira em torno de um ambiente institucional que apresenta outras demandas, ritmos, saberes e comportamentos. Nesse sentido, esta cultura específica ocorre no encontro entre duas dimensões que marcam a maioria dos estudos juvenis: a sociabilidade cotidiana e a apreensão com os movimentos de transição para a idade adulta e o ingresso no mercado de trabalho. Assim, as culturas juvenis que acontecem no meio universitário contemplam tanto a dimensão do presente, do que estes/as jovens vivenciam ao estarem juntos/as nos intervalos, nas festas, nas salas de aulas, nas atividades extracurriculares, nos grupos de pesquisa, movimentos sociais, atléticas e outros projetos, mas também engloba a preocupação com o futuro, com adquirir novas responsabilidades associadas à capacitação educacional e profissional.

Essa dupla dimensão porta em si também algumas dicotomias e tensionamentos- especialmente para certos setores sociais- que não conseguem compatibilizar plenamente uma



vida voltada para os estudos e preparação para o mundo do trabalho com os tempos de lazer livres dessas apreensões futuras. Por isso reiteramos que é extremamente importante considerar que a juventude não é somente uma idade, mas sim uma condição, que associada à idade e à diversos padrões culturais e econômicos, não é vivenciada por todos/as que a princípio poderiam se encaixar nesta categoria social. Ou seja, ser jovem e vivenciar sua juventude não são sinônimos e é por isso que defendemos sobre olhar as juventudes sob os aspectos das condições juvenis. Para Dayrell (2007) isso significa abarcar tanto a forma como a sociedade enxerga a juventude e atribui sentidos a ela em cada contexto histórico e geográfico, quanto considerar aspectos e diferenças sociais - de raça, gênero, classe - que interferem no modo como cada indivíduo vivenciará esse percurso. Podemos considerar essa abordagem como uma tentativa- o mais próximo possível- de compreender as juventudes de maneira holística: pelo que já são no presente, mas sem desconsiderar as necessidades e orientações para o futuro.

Contudo, uma visão holística não diz respeito à ausência de tensões ou a uma completa harmonia entre as vivências momentâneas e as exigências futuras. Muito pelo contrário, ao adentrarem o universo acadêmico, os/as estudantes precisam negociar as regras imposições e expectativas da Instituição de Ensino com seus projetos de futuros e as condições atuais para viverem suas juventudes. Cavalcanti (2013) nos chama a atenção para as diferentes possibilidades de acesso e mobilidade dos /as jovens pelo espaço urbano conforme distintos fatores dependendo de sua condição socioeconômica, do gênero, etnia, raça, opção religiosa, sexualidade e de sua vinculação a outros grupos. Por isso é importante ter em mente que cada sujeito, vivenciando sua condição juvenil, também será atravessado por elementos pessoais e coletivos que interferem na forma como ele/ela irá interagir com esse espaço, influenciando na escolha ou na não escolha de frequentar determinados locais, mesmo dentro da Universidade.

Neste quesito devemos refletir e questionar quais as possibilidades de inserção dos/as estudantes de Geografia em frequentarem a Universidade para além das aulas, participando de grupos de pesquisa, coletivos sociais, projetos de extensão, movimento estudantil, ligas acadêmicas e das festas, eventos e momentos de sociabilidade promovidos dentro e fora do campus? Essa inserção não está ligada apenas às decisões individuais, mas também ao que é oferecido dentro de cada contexto universitário e em cada cidade. Por isso, (Silva, 2021) afirma que é preciso pensar na intersecção entre Universidade e juventude de acordo com as diferentes composições e contornos socioespaciais que se formam quando as culturas universitárias ganham a cidade e extrapolam os limites físicos do seu espaço a priori.



No caso da pesquisa não são apenas estruturas urbanas distintas, mas campus que carregam consigo suas singularidades tanto a nível interno quanto em relação às próprias cidades em si. Em Presidente Prudente, o campus está situado em uma área com certa centralidade do ponto de vista social e econômico, pois há uma concentração de estabelecimentos voltados ao lazer, diversão e compras que se tornam um local de referência física, visível e pública para uma quantidade cada vez mais ampla de usuários (Barreto Neto, 2016). Além disso, o campus possui 12 cursos de graduação, além de diferentes pós-graduações, ambos nas três áreas do conhecimento: Ciências Humanas, Ciências Exatas e Ciências Biológicas.

Já em Rio Claro, o campus também está próximo a estabelecimentos comerciais, mas o curso de Geografia fica junto ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas, que engloba formações em Geologia, Biologia e Ecologia também. Nesse sentido, as possibilidades de grupos de pesquisa são um pouco diferentes das do campus de Presidente Prudente, já que a proximidade com áreas das Ciências Biológicas e da Terra proporciona um foco em pesquisas mais relacionadas às dinâmicas físicas da natureza e meio ambiente. Por último, Ourinhos só possui graduação em Geografia e a localização do campus está mais distante do centro da e de estabelecimentos comerciais, sendo que o acesso até ele é mediado pelo cruzamento de duas rodovias.

Ademais, até os períodos de estudos podem nos revelar diferentes formas de viver e experienciar a Universidade, visto que em Presidente Prudente e Ourinhos o curso é oferecido nas opções matutino e noturno e em Rio Claro são oferecidos cursos em período integral e noturno, sendo que o primeiro oferece a possibilidade de graduação em nível de bacharelado também. Logo, um dos questionamentos da pesquisa é: quais as diferenças e semelhanças existem em ser jovem estudante de Geografia dentro de uma mesma Universidade, mas em realidades distintas? Diante de todas as possibilidades de um estudo com Juventudes na Geografia, este é um exemplo que articula a dimensão urbana, juvenil e sociocultural dos fenômenos como uma forma de compreender como acontece a formação de futuros/as professores de Geografia.

Esse processo formativo ocorre também por meio de uma alfabetização científica que vai acontecendo conforme os/as estudantes vão sendo apresentados à novos conceitos geográficos, às disciplinas específicas e pedagógicas, aos princípios de um raciocínio científico e espacial que sempre leva em conta a espacialização dos fenômenos como um produto e condição centrais para entender as suas gêneses e as suas repercussões na sociedade. A alfabetização que nos



referimos também será diversa conforme as espacialidades vividas pelos/as estudantes dentro e fora do campus e das condições que terão em viver a Universidade de maneira ampla, aproveitando seus espaços de socialização, de amizades, de eventos, trabalhos de campo, leituras que contribuem para um amadurecimento pessoal, profissional e coletivo ininterrupto que não se esgota com a conclusão de um curso superior.

Além desse esboço teórico-metodológico, outros dois conceitos podem nos ajudar a ampliar a gama de reflexões e interstícios dos estudos juvenis na Geografia: a ideia de “*Becoming*” trazida por Nancy Worth (2009) e de Capital Espacial abordados por diferentes autores como Bourdieu (1990) e Forsberg (2019), sendo que a última apresenta esse conceito subdividido em duas categorias: capital de posição e situação- que veremos a seguir.

A primeira ideia versa totalmente sobre os processos de transição dos/as jovens não se restringirem a uma linha direta e definitiva em que é possível demarcar cada etapa da vida e saber exatamente quando uma começa e a outra termina. O que ocorre na verdade são eternas transformações e modificações que vão acontecendo ao longo da nossa existência de modo que o que vivemos em cada idade não some, mas permanece e constitui nossas vivências, nossas crenças, identidades, moldam as possibilidades de ação conosco e com o meio social em que convivemos. Por isso, a ideia proposta é entender a transição não como algo estanque e definitivo, mas sim como um processo ininterrupto de tornar-se em que as experiências passadas compõem, pouco a pouco, cada camada nossa que se constitui também no presente e na interrelação com a sociedade e o espaço. Ainda que não seja apresentado pela autora, nossa interpretação é de que essa proposta conversa diretamente com a teoria espacial de Massey (2008), visto que se o espaço nunca está acabado e o espaço é feito pelos sujeitos, estes também não podem estar definidos a priori antes de ser e existir uns com os outros na relação indissociável entre sociedade e espaço.

Com relação ao segundo conceito referenciado em Bourdieu (1990), Forsberg (2019) parte da a ideia de não existe apenas o capital econômico, cultural, simbólico e social, mas também o capital espacial, o qual refere-se às possibilidades de ação em relação ao local em que o/a sujeito/a vive, aos locais que frequenta e as suas inserções espaciais na cidade ou no campo. Para a autora este capital é subdividido em dois: posição, que é composto pelas relações, apoios, suportes e saberes que são valorizados localmente e situação, formado pelas redes e conhecimentos sobre o lugar e suas conexões com o exterior, com outras escalas. Ou seja, dependendo de como esses capitais se articulam, as espacialidades instituídas podem ser muito diferentes e as ligações entre mobilidade e permanência nos e com os locais de moradia podem



representar tanto uma possibilidade, um privilégio quanto uma armadilha ou escassez de opções.

Esse conceito nos ajuda a pensar de que maneira as trajetórias juvenis até os cursos de Geografia podem nos revelar sobre condições de permanência e mobilidade socioespacial? Como os diferentes capitais se relacionam de modo a contribuir para promoção de espacialidades juvenis urbanas dentro e fora da Universidade? Nos instiga questionar como a chegada até o Ensino Superior altera as possibilidades de ir e vir das juventudes dentro das cidades e como a Universidade pode significar um novo paradigma na ampliação dos capitais dos/as estudantes, apresentando-lhes novas perspectivas de futuro, de relações, de acesso a outros locais, culturas e conhecimentos, novas visões de mundo, entre outros.

Dessa forma, compreendemos que os capitais estão interrelacionados, mas não em uma relação linear e direta. Consequentemente, não existe um caminho único ao qual os/as jovens estejam predestinados seguir e por isso mesmo que o encontro com a Universidade as culturas que giram em seu entorno serão diversas e múltiplas de modo que a formação profissional também será diferente em cada campus, em cada cidade e em cada trajetória pessoal e profissional.

Logo, este é apenas um esboço das reflexões teóricas que nos permitem construir este campo de estudos, destacando a dimensão espacial, juvenil e cultural de processos sociais relativos às mudanças atuais nas cidades e na formação de educadores em Geografia que decorrem das transformações nas relações sociais e econômicas urbanas na fase atual do capitalismo neoliberal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta reflexão espera-se contribuir com os estudos juvenis na Geografia, enfatizando a potência das culturas universitárias como um elo importante para formação de futuros profissionais em educação, considerando que as práticas juvenis no e pelo espaço urbano são um componente central na (re)constituição do mesmo. Sob a tríade conceitual entre espaço, juventudes e culturas juvenis trabalhamos com a conexão da produção do espaço urbano com por meio das espacialidades juvenis universitárias, tendo como pressuposto que estas são resultados das condições impostas pelas estruturas sociais, mas também são um caminho para modificá-la. Sendo assim, concordamos com Melucci (2001 e 2004), citado por Carrano (2011), para quem os assuntos relativos às diferentes condições e sociabilidades juvenis devem ser pautados no âmbito educacional não só porque a maioria dos estudantes está



experimentando essa condição, mas também porque os/as jovens, compreendidos enquanto atores sociais, podem ser analisados como a ponta do iceberg que explica as mudanças futuras do corpo social.

Portanto, investigar os contextos de formação de docentes de Geografia torna-se um tema geográfico não apenas pela disciplina escolar, mas porque os fenômenos tem uma dimensão espacial intrínseca à eles, de modo que em cada local se manifestarão de inúmeras formas. E assim, acreditamos poder avançar na construção das Geografias das Juventudes, mas sobretudo na construção de uma Geografia Social preocupada com a vida das pessoas, com a educação e futuro dos/as jovens e de todos e todas aquelas que, historicamente, têm sido subalternizados/as. Ao olhar as trajetórias dessas juventudes buscamos encontrar lampejos de respostas para, juntos e juntas, construir outros caminhos possíveis e mais justos socialmente.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. **Anotações Finais**. In: Cenas Juvenis: Punks e Darks No Espetáculo Urbano. São Paulo: Scritta, 1994.
- ABRAMO, H.W. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, nº 6, p.25-36,1997.
- BARRETO NETTO, A. **Centralidade do lazer em Presidente Prudente: Fluxos, Tensões e Territorialidades no Parque do Povo**. Monografia de Bacharelado em Geografia. UNESP. 2016.
- Bourdieu, P. (1990). A lógica da prática (Nova ed.). Cambridge: Polity.
- CARRANO, P. **Jovens, escolas e cidades**: Desafios à autonomia e à convivência. Revista Teias v. 12 • n. 26 • 07-22 • set./dez. 2011 – Jovens, territórios e práticas educativas.
- CARRANO, P; DAYRELL, J. **Juventude e ensino médio**: Quem é este jovem que chega à escola. In: CARRANO, P; DAYRELL, J; MAIA, C.L. (org.). Juventude e Ensino Médio, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 101-134
- CASSAB. C. **"Cidade estranha, sabes que existo?"**: o jovem como sujeito e a cidade que ensina. In: (org). FERNANDES, M.L.B; LOPES, J. J. M; TEBET, G. G. C. Geografia dos jovens, das crianças e das famílias: temas, fronteiras e conexões. Ed. Universidade de Brasília. 2020.
- CAVALCANTI, L. S. **Jovens Escolares e a Cidade**: Concepções e Práticas Espaciais Urbanas Cotidianas. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.35, Volume Especial, p. 74-86, 2013.
- COOPER, A., SWARTZ, S., MAHALI, A. **Disentangled, decentred and democratised**: Youth Studies for the global South, Journal of Youth Studies. 2019. p. 29-45.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. Ática, 1989.



DAYRELL, J. **A escola como espaço sócio-cultural.** In: (org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996. p. 136 – 61

DAYRELL, J. **O jovem como sujeito social.** Revista Brasileira de Educação, São Paulo, nº24, 2003, p. 40-52.

DAYRELL, J. **A escola faz a juventude?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

FIORI, Vivian. **As condições dos cursos de licenciatura em Geografia no Brasil:** uma análise territorial e de situação. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

FORSBERG, S. **‘The right to immobility’ and the uneven distribution of spatial capital:** negotiating youth transitions in northern Sweden, Social & Cultural Geography. 2019. p. 323-343.

GONÇALVES, A. L.V.; RIZEK, C. S. **Dar nome aos bois:** um ensaio sobre categorias nativas e suasimplicações políticas. Revista brasileira de estudos urbanos e regionais. v. 27, 2025.

HALL, S. **A centralidade da cultura:** notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, jul/dez. 1997.

HALL, S. A. **A identidade Cultural na pós-modernidade.** Traduzido por Tomas Tadeu da Silvae Guaracira Lopes. 3.ed. Rio de Janeiro, 1999. p. 7-47

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço:** uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 29-57.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis. Lisboa- Portugal:** Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PAIS, J.M. **Aspectos Metodológicos do Trabalho de Campo.** In: PAIS, J.M. Culturas Juvenis. Lisboa. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003. cap.3 p. 83-105

PERALVA, A. **O jovem como modelo cultural.** Revista Brasileira de Educação, São Paulo, no 5/6, 2007. p. 15-24

PIRES, L. M. **Culturas Geográficas de Alunos-Jovens:** uma referência para a formação de professores de Geografia. Tese (Doutorado em Geografia.) Universidade Federal de Goiás, 2013, p. 1-276.

SEVERO, R. C.B. S. **Identidades Juvenis Contemporâneas e Espaços e Tempos Escolares:** Algo está fora da ordem? Revista Nonada, Porto Alegre, n.24, 2015, p.27- 38.

SILVA, J. P. T. **Cultura universitária e experiência de juventude de estudantes do segundo e terceiro ano de Geografia da Fct/Unesp - Presidente Prudente.** Monografia de Bacharelado em geografia. Universidade Estadual Paulista. 2021



SILVA, J. P. T. Experiências de Juventudes dos Estudantes de Geografia da FCT/UNESP e do CPTL-UFMS. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2023.

SILVA, J. P. T.; TURRA NETO, N. A cultura juvenil e cultura juvenil universitária entre estudantes de geografia da FCT/Unesp. Revista Formação (Online), v. 32, e025002, 2025.

SILVA, R. R. D. Saberes curriculares e práticas de formação de professores para o ensino médio: problematizações contemporâneas. Educ. Pesquisa., São Paulo, v. 46. 2020. p. 1-17.

SPOSITO, M. E. B. (2023/4). Condição urbana periférica sob a lógica fragmentária. Problèmes d'Amérique latine. n. 126, 2023/4.

TORRES, H. da G., MARQUES, E. C. Reflexões sobre a hiperperiferia: novas e velhas faces da pobreza entorno municipal. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, n. 4, 2001.

TURRA NETO, N. Vivendo entre jovens: a observação participante como metodologia de pesquisa de campo. Terra Plural, Ponta Grossa, v.6, n.2, p. 241-255, jul/dez. 2012.

TURRA NETO, N. Definir juventude como ato político: na confluência entre as orientações de tempo, idade e espaço. In: CAVALCANTI, L. de S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L.M. (org.). A cidade e seus jovens. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015. p119-136.

VIILAS, S; NONATO, S. Juventudes e projetos de Futuro. In: CORREA, L.M; ALVES, Z; MAIA, C.L (org.). Cadernos Temáticos: juventudes brasileiras e Ensino Médio. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2014. p.7-45.

WYN, J.; WOODMAN, D. (2006) Generation, Youth and Social Change in Australia, Journal of Youth Studies. 2006. p. 495-514.

WORTH, N. Understanding youth transition as 'Becoming': Identity, time and futurity. GeoForum. 2009. p.1050-1060.